

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Gustavo Marques Vieira

**A SEGUNDA GRANDE GUERRA MUNDIAL E SEU LEGADO PARA O EXÉRCITO
BRASILEIRO**

**Resende
2022**

Gustavo Marques Vieira

**A SEGUNDA GRANDE GUERRA MUNDIAL E SEU LEGADO PARA O EXÉRCITO
BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: 1º Ten Luiz Guilherme Ramos Vilas Boas.

Resende

2022

	APÊNDICE II AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA NA AMAN TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL	AMAN 2022
---	---	----------------------

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO: A SEGUNDA GRANDE GUERRA MUNDIAL E SEU LEGADO PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO
AUTOR: GUSTAVO MARQUES VIEIRA

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

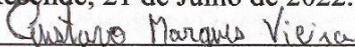
Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras.

Resende, 21 de Julho de 2022.



 Cad. Gustavo Marques Vieira

Dados internacionais de catalogação na fonte

V658s VIEIRA, Gustavo Marques

A Segunda Grande Guerra mundial e seu legado para o Exército Brasileiro. / Gustavo Marques Vieira – Resende; 2022. 29 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Luiz Guilherme Ramos Vilas Boas
TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2022.

1.Segunda Guerra Mundial 2.Legado 3.EB I. Título.

CDD: 355

Ficha catalográfica elaborada por Jurandi de Souza CRB-5/001879

Gustavo Marques Vieira

**A SEGUNDA GRANDE GUERRA MUNDIAL E SEU LEGADO PARA O EXÉRCITO
BRASILEIRO**

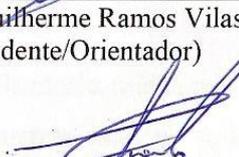
Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 25 de MAIO de 2022.

Banca examinadora:



1º Ten Luiz Guilherme Ramos Vilas Boas
(Presidente/Orientador)



Cap Gustavo Mendes Abrantes



1º Ten Antônio Marcos Comoretto Gall
Bevilacqua

Resende
2022

Dedico este trabalho ao meu pai Sandro, à minha mãe Maria Helena e à minha Maria Clara, que foram a base e me apoiaram para que eu realizasse meu sonho de ser um Oficial do Exército Brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível e também por me conceder a oportunidade e a honra de ingressar na Academia Militar das Agulhas Negras e por sempre ter me abençoado durante esses longos 5 (cinco) anos de formação, me dando saúde, força e motivação para me manter sempre focado no objetivo final.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram e me aconselharam em todas as minhas decisões que tive que tomar durante esse período. Além de sempre me proporcionarem uma base forte em casa para que eu tivesse um bom desempenho durante as atividades acadêmicas.

Aos meus camaradas, que sem sombras de dúvidas mostraram o significado da frase "Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe", pois se fizeram fundamentais durante a formação deixando os fardos mais leves e sempre ajudaram a fazer com que eu superasse os momentos de dificuldade durante esses cinco anos.

Aos meus instrutores, que foram exemplos e referências para que eu pudesse moldar meu perfil de oficial e que me deram todas as instruções necessárias para que eu estivesse preparado para tomar as melhores decisões em todas as situações que eu me deparar após cruzar o portão da AMAN.

Ao meu orientador, que com seu conhecimento me mostrou o caminho correto para a realização deste trabalho, retirando todas as dúvidas e fazendo as correções necessárias para que eu pudesse realizar um bom trabalho.

E por fim, a todas as pessoas que passaram por minha vida durante esse período, que com experiências, aprendizados e exemplos colocaram um tijolinho na minha história e ajudaram a me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

RESUMO

A SEGUNDA GRANDE GUERRA MUNDIAL E SEU LEGADO PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO

AUTOR: Gustavo Marques Vieira

ORIENTADOR: Ten Luiz Guilherme Ramos Vilas Boas

Estudo de natureza bibliográfica que tem por objetivo demonstrar o legado que a Segunda Guerra Mundial trouxe para o Exército Brasileiro. A Segunda Guerra Mundial teve grande impacto no Brasil. O esforço de guerra melhorou suas instalações portuárias, deixando-a com novos aeroportos modernos, bem como ferrovias reformadas, indústria, agricultura e mineração estimuladas, e um complexo siderúrgico em expansão. As Forças Armadas, principalmente o Exército Brasileiro, adquiriram experiência de combate e equipamentos de última geração. A era da guerra colocou alicerces sobre os quais se deu o notável desenvolvimento do Brasil e da doutrina militar no meio século seguinte.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Legado. Exército Brasileiro.

ABSTRACT

THE SECOND GREAT WORLD WAR AND ITS LEGACY FOR THE BRAZILIAN ARMY

AUTHOR: Gustavo Marques Vieira

ADVISOR: Lt. Luiz Guilherme Ramos Vilas Boas

Bibliographic study that aims to demonstrate the legacy that the Second World War brought to Brazil. The Second World War had a great impact on the Brazilian Army. The war effort improved its port facilities, leaving it with new modern airports, as well as revamped railways, stimulated industry, agriculture and mining, and a sprawling steel complex. The Armed Forces, mainly the Brazilian Army, acquired experience and state-of-the-art equipment. The war era laid the foundations on which the remarkable development of Brazil and military doctrine took place in the next half century.

Keywords: Second World War. Legacy. Brazilian army.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escudo da FEB.....	12
Figura 2 – Pracinhas brasileiros desembarcando em Nápoles.....	13
Figura 3 – Bomba atômica em Hiroshima.....	16

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo geral.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: OS DESAFIOS	12
2.2 VITÓRIA DOS “LIBERTADORES”	14
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO	15
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	15
3.2 MÉTODOS.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1 ENSINAMENTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA O MUNDO	16
4.2 ENSINAMENTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA O BRASIL	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	26
ANEXOS	27
ANEXO 1 –MAPA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	28
ANEXO 2- LINHA GOTICA	29
ANEXO 3 – FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	30

1 INTRODUÇÃO

Segundo Fernandes (2020), a Segunda Guerra Mundial produziu grandes mudanças no Brasil. Seu esforço de guerra melhorou as instalações portuárias, deixou-a com novos aeródromos modernos de Belém ao Rio de Janeiro, bem como ferrovias reformadas, e estimulou a indústria, a agricultura, a mineração e um crescente complexo siderúrgico.

Seu Exército, Força Aérea e Marinha ganharam experiência em combate e equipamentos de última geração. Sua estatura internacional alcançou novos patamares e seus líderes previram um papel cada vez maior na política mundial. A era da guerra lançou as bases sobre as quais ocorreu o notável desenvolvimento do Brasil na metade do século seguinte (FERNANDES, 2020).

Jordan e Wiest (2008) afirmam que a liderança brasileira antes da guerra havia vinculado o desenvolvimento e a segurança nacional ao comércio e às finanças internacionais e estava preocupada em não colocar o país em perigo, mas via-se naturalmente ao lado das potências liberais, em particular dos Estados Unidos.

As contribuições do Brasil para a vitória dos Aliados foram significativas. O Brasil hospedou, em Natal, a maior base aérea dos Estados Unidos fora do seu próprio território, e, em Recife, a Quarta Frota dos Estados Unidos; e amarrou sua economia à máquina de guerra americana, enviou sua Marinha em busca de submarinos alemães e forneceu uma Força Expedicionária e um esquadrão de caças na linha de frente italiana (JORDAN e WIEST, 2008).

Além disso, de acordo com Beevar (2015), permitiu a construção de bases aéreas antes de romper relações com o Eixo na conferência do Rio em janeiro de 1942, e o Exército perdeu pessoal, equipamento e famílias para ataques submarinos antes que o Brasil entrasse oficialmente na guerra em agosto daquele ano.

A Força Expedicionária Brasileira - FEB que viu o combate como parte do Quinto Exército dos EUA foi a única força terrestre latino-americana a lutar na Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento industrial do Brasil, incentivado e apoiado pelos Estados Unidos, lançou as bases para sua transformação industrial no pós-guerra (BEEVAR, 2015).

Diante de todos esses fatos, cabe questionar: qual o legado que a Segunda Guerra Mundial trouxe ao Exército Brasileiro?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar o legado que a Segunda Guerra Mundial trouxe ao Exército Brasileiro.

1.1.2 Objetivos específicos

Descrever como se deu a Segunda Guerra Mundial;

Verificar como foi a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial;

Refletir acerca dos ensinamentos trazidos para o Brasil com a Segunda Guerra Mundial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: OS DESAFIOS

Segundo Morgan *et al.* (2020), o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial relativamente tarde, juntando-se aos Aliados somente em agosto de 1942, visto que antes disso, havia apenas se declarado neutro em relação ao conflito. Contribuiu para o esforço de guerra com 25.000 soldados enviados para o combate na Itália, dos quais 471 morreram. Além disso, 1.074 morreram quando submarinos alemães torpedearam navios na costa brasileira. A importância do envolvimento do Brasil na guerra, no entanto, vai além desses números, que, comparados ao número de mortos do conflito como um todo, são pequenos: ela produziu transformações que iriam moldar o curso da história do país no segundo semestre do século 20.

A urgência de uma resposta às agressões Teuto-Itália junto aos países aliados - bloco liderado pelos Estados Unidos e Império Britânico, além da ex-União Soviética, deixaria para trás, pelo menos por algum tempo, o reconhecido pacifista e caráter conciliador do Brasil. O próprio símbolo adotado pela Força Expedicionária Brasileira - FEB, um escudo com o desenho centralizado de uma cobra fumando cachimbo, surgiu como uma provocação aos que diziam ser mais fácil uma cobra fumar do que o país ir à guerra (MORGAN *et al.*, 2020).

Figura 1 – Escudo da FEB



Fonte: PINTEREST (2021)

De acordo com Beevar (2015), ninguém sabia o que era o combate, dos generais aos soldados mais comuns. Todos aprenderam a lutar nas dificuldades. Entre os obstáculos estavam, além da ameaça constante das tropas inimigas, o inverno mais rigoroso em quase 50 anos, com média de 20 graus negativos nos Apeninos italianos em 1944.

Os soldados sofreram muito com as baixas temperaturas. A neve chegava até os joelhos. Receberam uma grande e horrível capa de chuva de 12 quilos, pesada demais para carregar com a chuva. Ao ver isso, o comando dos Estados Unidos ordenou que as capas de chuva fossem retiradas na hora. Apesar do clima hostil, ninguém do lado brasileiro morreu de frio (BEEVAR, 2015).

O primeiro contingente de pracinhas desembarcou na Itália em 16 de julho de 1944, após deixar o cálido Rio de Janeiro 14 dias antes em um navio. Uma missão de oficiais já tinha ido para a Itália no final do ano anterior (BEEVAR, 2015).

Figura 2 – Pracinhas brasileiros desembarcando em Nápoles



Fonte: PINTEREST (2021)

Masson (2010) afirma que integrantes do contingente ingressaram no 5º Exército dos Estados Unidos e foram recebidos em Nápoles por uma banda marcial americana que se esforçou para tocar canções brasileiras e proporcionar um clima festivo em meio às adversidades da guerra. O esforço foi recíproco, principalmente para entender os pedidos recebidos em inglês. O choque cultural, porém, foi inevitável, principalmente no que se referia à integração racial.

2.2 VITÓRIA DOS “LIBERTADORES”

Segundo Masson (2010), a maior vitória dos pracinhas na Segunda Guerra Mundial foi em Monte Castelo, também chamado de "monte amaldiçoado", em uma incursão que durou três meses, até sua vitória em fevereiro de 1945. Para avançar e chegar a Bolonha, os Aliados precisavam vencer a chamada Linha Gótica, uma barreira para as tropas alemãs. Os brasileiros tiveram que percorrer uma rota exposta ao fogo inimigo. As tentativas resultaram em um grande número de vítimas para o país, que acumulou cerca de 450 soldados mortos durante a guerra.

Outro acontecimento importante de que participaram os brasileiros durante o conflito foi a rendição da 148ª divisão das forças alemãs, que resultou em 14.799 presos, além do confisco de 4.000 cavalos, 80 fuzis de diversos calibres e 1.500 veículos. O fato ocorreu no final de abril de 1945, três dias antes da FEB participar da libertação de Turim e meses depois os brasileiros aproveitaram a derrota iminente dos países do Eixo para ganhar maior destaque como força de ocupação militar colocada à prova em regiões como Montese, Castelnuovo, Zocca, Monalto e Barga (MASSON, 2010).

De acordo com Fernandes (2020), na Itália, o episódio das pedras em Nápoles não foi além de uma simples anedota. A nota predominante foi a empatia entre as forças brasileiras e as cidades por onde passaram, fruto de um objetivo comum de sobrevivência que acabaria simbolizado em vários monumentos erguidos no país em homenagem à FEB. Foram poucas as histórias, entre os brasileiros que foram para a guerra, de assistência médica e incentivo às tropas recebidas pela população.

Diante de todos os desafios pelos quais passaram na Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro retirou grandes lições, modificando sua doutrina e estabelecendo novas diretrizes, tanto para tempos de paz quanto para tempos de guerra (FERNANDES, 2020).

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos utilizados foram os seguintes: leituras preliminares para aprofundamento do tema; definição e elaboração dos instrumentos de coleta de dados e definição das etapas de análise do material. Ao serem estabelecidas as bases práticas para a pesquisa, procurou-se garantir a execução da pesquisa seguindo o cronograma proposto além de propiciar a verificação das etapas de estudo.

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Para a realização do estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica do tipo descritiva.

3.2 MÉTODOS

A pesquisa se deu em livros e artigos em bancos de dados eletrônicos. Para consulta à internet foram utilizadas as palavras-chave: Segunda Guerra Mundial – FEB – Brasil – Aliados.

O material encontrado foi lido e de acordo com os objetivos propostos os mesmos foram utilizados. Aqueles que não condiziam com estes objetivos foram excluídos.

Logo após foi realizado um fichamento do material, para que o mesmo pudesse ser utilizado no referencial teórico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ENSINAMENTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA O MUNDO

A Segunda Guerra Mundial durou seis anos e foi travada no território de 40 países. Participaram 61 Estados, ou 80% da população mundial. As perdas humanas atingiram quase 70 milhões de pessoas, o que representa mais de cinco vezes as baixas na Primeira Guerra Mundial. Os danos materiais excederam os números da Primeira Guerra Mundial 11 vezes. Os gastos militares atingiram quatro bilhões de dólares.

As enormes perdas humanas foram o resultado mais terrível deste massacre. As ações militares dos países do bloco fascista foram acompanhadas de atrocidades e genocídios sem precedentes contra a população civil ocupada.

Um dos principais ensinamentos da Segunda Guerra Mundial, talvez o principal, seja que, com um exemplo dramático tão excepcional, todos nós percebemos que diante de uma ameaça comum, apesar das diferenças políticas e ideológicas, independentemente de ressentimentos e contradições, todos os países e povos podem se unir, se fortalecer e resistir a um inimigo comum. Hoje, em nosso mundo dividido por contradições, com muitas linhas de confronto, onde há muitas ameaças comuns, esta lição é mais do que relevante.

6 milhões de judeus europeus foram assassinados durante o Holocausto. A Europa ficou em ruínas. Alemanha, derrotada e dividida. Milhões de pessoas foram despejadas de suas casas ou deportadas. E pela primeira e única vez na história da humanidade, armas atômicas foram usadas, em Hiroshima e Nagasaki.

Figura 3 – Bomba atômica em Hiroshima



Fonte: O GLOBO (2022)

Quando perguntado quem foi o responsável, tanto na época quanto agora, não há dúvida na mente de ninguém, em contraste com o debate histórico sobre quem foi o culpado pela Primeira Guerra Mundial. Os nazistas queriam essa guerra e a provocaram. E no final, a Alemanha não foi apenas derrotada; foi devastada. Com o Holocausto, a Alemanha carrega o estigma de ter cometido um grande crime do milênio, com mais de nove milhões de alemães mortos, incluindo mais de três milhões de civis. As cidades foram destruídas em bombardeios aliados. A Alemanha perdeu seus territórios no leste. Doze milhões de pessoas foram deslocadas. O país foi deixado no chão após esta guerra devastadora.

Após a guerra, a parte ocidental do país dividido subiu novamente. Primeiro, economicamente; depois, também do ponto de vista da política. Durante a Guerra Fria, a República Federal da Alemanha juntou-se ao Ocidente no confronto entre os blocos. Mesmo a nível militar, uma vez que se tornaria membro da OTAN. Mais tarde foi também membro fundador da Comunidade Econômica Europeia, o núcleo do que é hoje a União Europeia.

A Alemanha tinha aprendido a primeira lição da Segunda Guerra Mundial: queria ser uma Alemanha europeia, queria associar-se às outras democracias, procurava aliados na Europa e, do outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos. Politicamente falando, ir sozinho se tornou um tabu.

Outra grande lição foi um retumbante não à guerra e ao inferno que ela acarreta. Entrada na OTAN, rearmamento imediato, e depois rearmamento no quadro da decisão da OTAN de instalar Euromísseis.

Para ser estável, um sistema internacional deve ter dois componentes: um equilíbrio de poder e um princípio de legitimidade geralmente aceito. Um equilíbrio de poder torna fisicamente difícil a destruição da ordem internacional, o que impede qualquer ameaça antes que ela ocorra. Um amplo princípio de legitimidade desencoraja qualquer ataque à ordem internacional. Uma paz estável é o reflexo de uma combinação de restrições físicas e morais.

Esses dois princípios foram ignorados pelos tratados de Versalhes e Saint Germain, que puseram fim à Primeira Guerra Mundial. Antes de 1914, a política europeia era dirigida por cinco grandes potências: Grã-Bretanha, França, Alemanha e os impérios austro-húngaro e russo. As nações do continente eram vizinhas e relacionadas entre si por alianças complicadas. Mas o Tratado de Saint Germain dissolveu um dos países mais importantes, o Império Austro-Húngaro, em suas várias nacionalidades, criando uma infinidade de pequenos estados na Europa Oriental e nos Balcãs. O Tratado de Versalhes humilhou a Alemanha e negou-lhe qualquer participação na ordem internacional, enquanto o Império Russo foi abalado, primeiro pela revolução, e depois condenado ao ostracismo pelo seu resultado.

Assim, após a retirada dos Estados Unidos em 1920, o equilíbrio de poder europeu era efetivamente composto por dois países: França e Grã-Bretanha. No entanto, a Grã-Bretanha raramente se engajou continuamente no continente, quase nunca do lado da nação mais poderosa, que pelo menos no papel parecia ser a França. Este, por outro lado, sofreu as maiores baixas em relação à população de qualquer combatente.

Faltavam-lhe os meios e a vontade de ser o árbitro da Europa. Consciente de que sem a ajuda da Grã-Bretanha, da Rússia e dos Estados Unidos a guerra estaria perdida, a França não podia enfrentar a perspectiva de manter sozinha o equilíbrio de poder enfraquecendo seu temido vizinho. A Alemanha teve que entregar a Alsácia e a Lorena à França e alguns territórios do Leste à Polônia; a Renânia foi desmilitarizada e o exército alemão severamente limitado em tamanho e equipamento. Finalmente, reparações substanciais e inestimáveis foram impostas à Alemanha.

A Alemanha não era o único país irredentista: a União Soviética, excluída da diplomacia europeia, estava sempre pronta para fazer os capitalistas lutarem entre si. Na década de 1920, forneceu treinamento secreto para o exército alemão em seu território, em violação ao Tratado de Versalhes. Na década seguinte, Stalin tentou fazer propostas a Hitler; quando foi rejeitado, estabeleceu uma aliança com a França, para retornar à sua primeira opção no pacto germano-soviético de 1939.

Em retrospecto, é estranho que nenhum estadista da época tenha abordado a questão de saber se era possível manter um acordo que excluísse os dois países mais populosos do continente: Rússia e Alemanha. É provável que a Grã-Bretanha preferisse se reconciliar com a Alemanha, mas para isso não conseguiu obter o apoio da França. Queria manter a Alemanha impotente, mas também não conseguiu o apoio da Grã-Bretanha. O resultado foi indecisão e evasão, uma política muito pequena e muito tarde.

Quanto aos Estados Unidos, eles conduziram o princípio da autodeterminação e tentaram superar as imperfeições de sua aplicação propondo o conceito de segurança coletiva.

A comunidade mundial, reunida na Liga das Nações, se encarregaria de enfrentar as ameaças à paz e modificar por consenso os arranjos que fossem imperfeitos. Essa doutrina assumia que as ameaças à paz eram sempre inequívocas e que todas as nações tinham igual interesse em se opor a elas ou retificá-las concordando com as medidas apropriadas. A história, no entanto, não suporta tal proposição. No final, os Estados Unidos decidiram juntar-se à criação da Liga. Acontece que a Primeira Guerra Mundial, que deveria ser a luta para acabar com todas as guerras, produziu um tratado de paz que carecia de equilíbrio de poder e

um senso de legitimidade aceito. O acordo de Versalhes estava destinado a sucumbir à guerra ou à hegemonia da Alemanha na Europa Oriental.

De todos os países, a França estava na posição mais trágica. Exausta pela carnificina, presa entre memórias e premonições, ela recorrera a uma diplomacia que visava extrair da Alemanha garantias nas quais não acreditava. Um dos resultados foi o Tratado de Locarno, assinado em 1925, que na época se apresentava como um grande avanço para a paz. Nele, a Alemanha garantiu sua fronteira ocidental com a França, mas se recusou a dar a mesma garantia aos seus vizinhos orientais. Em outras palavras, no que parecia um ato de reconciliação, a Alemanha estava realmente sublinhando seu desafio ao sistema pós-guerra ao significar que o Tratado de Versalhes era inválido a menos que fosse afirmado e estabelecido, com a aquiescência da Grã-Bretanha. na Europa: alguns garantidos pela Alemanha e outros não.

Tudo isso implicava que a Europa Oriental estava sendo deixada por conta própria - de fato, se não ainda em teoria - como o segundo grande evento da década de 1920, a construção da Linha Maginot na França, provou, uma vez que a mentalidade por trás desse complexo de fortificações fronteiriças (com as províncias de Alsácia e Lorena) deixou os países do Leste Europeu à mercê da Alemanha assim que ela se rearmou. A França só poderia impedir a Alemanha de implementar uma política revisionista no Leste se tivesse uma opção credível de invadir esta nação. No entanto, a Linha Maginot indicava exatamente o oposto, ou seja, que a França resistiria, se fosse conduzindo uma guerra prolongada de suas fortificações. Estratégia e política eram totalmente descoordenadas.

Incessantemente, Hitler explorou tanto a fraqueza do sistema internacional quanto os sentimentos de culpa de seus oponentes. Um após o outro, políticos ocidentais voltaram de reuniões com ele repetindo seus supostos desejos de paz. Dois anos depois de sua ascensão ao poder em 1933, Hitler havia revogado as limitações de Versalhes ao rearmamento alemão, alegando que outras nações não haviam cumprido sua promessa de seguir a Alemanha no caminho do desarmamento.

Em um mundo que se sentia menos culpado por ver a paz em termos de equilíbrio, isso teria levantado bandeiras vermelhas. Em vez disso, a Europa refugiou-se na crença de que os desafios de Hitler à ordem internacional eram resultado de queixas específicas e não de falhas estruturais no sistema e propósitos agressivos dos nazistas. Consequentemente, pensava-se que aliviar ou "apaziguar" certas reivindicações preservaria a paz.

Acredito que o ponto de virada que tornou a guerra inevitável não foi Munique em 1938, mas a ocupação da Renânia pelos alemães em 1936. Enquanto a margem ocidental do

Reno fosse desmilitarizada, a Alemanha corria o risco de avançar para o poder e poderia causar uma ocupação francesa da Renânia, apesar da existência da Linha Maginot. Mas uma vez que a Alemanha estivesse em posição de construir fortificações em sua fronteira ocidental, a Grã-Bretanha e a França só poderiam proteger as nações do Leste Europeu com a ameaça de uma prolongada guerra de desgaste durante a qual os aliados do Leste Europeu da França certamente seriam subjugados.

Uma razão para a fraqueza da resposta ocidental foi que o princípio do equilíbrio de poder colidiu com as convicções morais das democracias. O primeiro aconselhava resistência; o último gerou contenção e confiança nas demonstrações de boa vontade de Hitler. Do ponto de vista do equilíbrio, era hora de a França agir, sozinha se necessário, já que o rearmamento alemão ainda não havia avançado muito. Do ponto de vista da legitimidade - que dominava o pensamento britânico - a Alemanha estava apenas exercendo aqueles direitos de defesa de seu território nacional que eram concedidos a todos os outros estados. Como a França se recusou a agir sem a Grã-Bretanha, ela teve que se contentar com um determinado compromisso inglês de resistir a um ataque alemão à França. Isso, é claro, não serviu de consolo para os aliados da França na Europa Oriental.

A perturbação do equilíbrio de poder foi acompanhada pelo colapso da doutrina da segurança coletiva. Quando Mussolini atacou a Abissínia em 1935, a Liga das Nações foi abalada. Ele aplicou sanções, mas com tanta timidez que acabou mostrando mais impotência do que determinação. O único resultado duradouro foi uma reaproximação entre Itália e Alemanha, que aumentou a liberdade de manobra dos nazistas.

A combinação desses dois eventos selou o destino da Europa Oriental. A única coisa que restava a ser decidida era se Hitler seria paciente o suficiente para dominar a Europa Oriental sem recorrer à guerra. Mas Hitler não era paciente nem ansioso para evitar a guerra. Pelo contrário, ele estava procurando por ela.

Em março de 1938, a Áustria foi anexada. As democracias não resistiram. Mais uma vez, as considerações de equilíbrio ditaram um caminho e a legitimidade outro. A chamada "Anschlus" minou ainda mais o equilíbrio de poder ao estender as fronteiras da Alemanha até os Balcãs e cercar a Tchecoslováquia, aliada da França. Por outro lado, a população austríaca falava alemão e uma grande maioria apoiava a adesão ao Reich.

Meses depois, seria a vez da Tchecoslováquia. Munique entrou para a história como um termo particularmente odioso. Mas na realidade o que ele fez foi aplicar as premissas da política externa estabelecidas há quase duas décadas. Mais uma vez, o princípio da autodeterminação - o desejo dos 3,5 milhões de alemães que vivem na Tchecoslováquia de se

juntarem a seus compatriotas do outro lado da fronteira - superou o princípio do equilíbrio. Um aliado democrático foi sacrificado.

Com toda a justiça, deve-se dizer que mesmo esses líderes poderosos e desiludidos devem ter calculado que até então precisariam de tempo para construir suas capacidades militares.

As palavras do primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain em sua chegada de Munique de que traria "paz para o nosso tempo" obscureceram a realidade de que não estavam sendo postas em prática. Em contraste, Chamberlain acelerou o rearmamento britânico, especialmente no poder aéreo. E quando, seis meses depois, Hitler esmagou os povos não alemães ao desmembrar o que restava da Tchecoslováquia, a Grã-Bretanha não se deteve. Com o equilíbrio de poder e o princípio da legitimidade sob ataque, a Grã-Bretanha voltou à sua tradição de oposição à hegemonia continental.

Uma semana após a anexação alemã da Boêmia e da Morávia, Londres deu garantias à Polônia. Não era mais possível para a Alemanha continuar se expandindo sem uma grande guerra.

Mas agora as evasivas de duas décadas haviam condenado as democracias ocidentais a enfrentar essa luta sozinhas, já que Stalin não via diferença entre elas e Hitler e não tinha interesses próprios no sistema predominante. Seu pesadelo era que as democracias desviassem para o Leste o que ele via como a inevitável guerra civil imperialista. Por um tempo, Stalin temeu que Munique tivesse aberto a porta para tal resultado.

No entanto, as garantias britânicas à Polônia deveriam tê-lo tranquilizado, já que a Alemanha não poderia atacar a União Soviética sem cruzar a Polônia. Portanto, Stalin não teve que pagar nenhum preço para a Grã-Bretanha e a França irem à guerra para impedir a expansão alemã para o Leste, a única guerra para a qual Stalin estava preparado. O pacto entre Hitler e Stalin selou o destino da paz precária pela qual duas décadas atrás 20 milhões de pessoas teriam morrido. Os dois países que foram contornados no acordo de Versalhes fizeram uma causa comum para destruí-lo.

É possível afirmar que nossa geração enfrenta um problema semelhante ao que foi apresentado aos estadistas há 90 anos: como construir uma ordem internacional estável. A maior parte do período pós-guerra caracterizou-se por um equilíbrio europeu relativamente estável. Agora o mundo bipolar está se desintegrando, principalmente após a Rússia invadir a Ucrânia. Se a história deve servir de guia, tal processo não deve ser deixado ao acaso, muito menos às declarações de boa vontade. Os líderes contemporâneos precisam de um conceito que relacione estrutura e intenções, equilíbrio e legitimidade.

Só podemos esperar que a sabedoria convencional de nosso tempo não seja tão míope quanto a geração que liderou o período entre as duas guerras.

4.2 ENSINAMENTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA O BRASIL

O aspecto da cooperação militar para o Brasil mudou no período anterior e durante a declaração de guerra dos Estados Unidos às Potências do Eixo em dezembro de 1941. Embora as missões técnicas ainda fossem um aspecto importante da colaboração, houve muito mais demandas colocadas ao Brasil durante a escalada das hostilidades globais. Estas eram principalmente demandas econômicas, mas o Brasil também se viu diante de um aliado muito mais abrangente para fornecer assistência estratégica aos Estados Unidos do que havia sido na fase anterior de cooperação.

Cada vez mais, o Brasil concordou em fornecer ajuda direta nas operações militares norte-americanas. Por exemplo, os Estados Unidos começaram a utilizar os portos brasileiros da Bahia e Pernambuco como local para reparo e revisão de navios norte-americanos em patrulha no Atlântico. Da mesma forma, os Estados Unidos fixaram as bases para o estabelecimento de bases aéreas que seriam vitais para trazer recursos (borracha) para as linhas de frente da guerra. Um Grupo Conjunto de Oficiais de Estado-Maior acabou sendo encarregado de construir a defesa militar (terrestre, aérea e naval) do Brasil diante das Forças Armadas de estados não americanos, firmando a cooperação direta contra a agressão do Eixo entre os dois estados.

Correspondência entre generais de alto escalão e diplomatas explica a súbita mudança de atitude em relação ao Brasil nesta segunda metade da interação brasileiro-americana. Nos níveis mais altos do pessoal diplomático dos Estados Unidos, havia um medo intenso de que o Brasil (especificamente uma área não regulamentada em sua região nordeste) provou ser uma séria ameaça à segurança hemisférica.

O medo, trazido à tona pelo notável General George Marshall, era que se a Alemanha desejasse lançar uma invasão terrestre, aérea e marítima das Américas (especificamente dos Estados Unidos), então esta região do Brasil forneceria uma base operacional avançada para os alemães. Com uma fraqueza estratégica tão gritante exposta, medidas drásticas para obter a cooperação do Brasil para fechar a lacuna foram imediatamente empreendidas, o que resultou na escalada geral dos compromissos militares. Os Estados Unidos continuaram a pressionar o Brasil até que este expressou total e inequívoco apoio da causa aliada.

Enquanto as relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha foram oficialmente cortadas em janeiro de 1942, veio o golpe final quando U-Boats alemães torpedearam cinco navios de passageiros que transportavam cidadãos brasileiros e tropas, com centenas de vítimas em agosto do mesmo ano. No dia 22 de agosto, o governo brasileiro declarou guerra ao Eixo.

Embora o Exército Brasileiro tenha prometido à FEB operações de combate na Europa, houve também um papel de destaque desempenhado pela Marinha Brasileira, que foi fundamental em interromper as operações de U-Boat no Atlântico Sul com aviões e barcos de patrulha obtidos por meio de contratos de empréstimo-arrendamento.

Estudos muito mais ambiciosos do que isso podem e têm que explorar todas as nuances da interação brasileiro-norte-americana ao longo da guerra, mas isso é uma aproximação suficiente para o escopo deste estudo.

Tomando esta série de interações como um todo, há um claro aumento dos tipos e graus de colaboração empreendidos. À medida que a ameaça de uma guerra mundial se aproxima das Américas, os Estados Unidos cada vez mais assumem mais projetos com o Brasil para suas próprias defesas. O Brasil, da mesma forma, reconheceu a oportunidade de fortalecer suas próprias defesas também, e usou o conhecimento técnico norte-americano para modernizar suas próprias forças.

No entanto, o que também se demonstra nessa tendência é uma afinidade entre Estados Unidos e Brasil em questões de segurança hemisférica e cooperação militar, o que contraria a noção de McCann de que a posição internacional do Estado Novo era ambivalente antes da declaração brasileira de hostilidades. Enquanto as expectativas aumentavam ao longo do tempo, havia uma parceria natural, que guiavam as interações, e existia uma afinidade entre as duas nações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Guerra Mundial teve grande impacto no Brasil. O esforço de guerra melhorou suas instalações portuárias, deixando-a com novos aeroportos modernos de Belém ao Rio de Janeiro, bem como ferrovias reformadas, indústria, agricultura e mineração estimuladas, e um complexo siderúrgico em expansão.

O Exército, Força Aérea e Marinha haviam adquirido experiência de combate e equipamentos de última geração. O status no estrangeiro tinha alcançado novos patamares e os governantes previam um papel cada vez maior na política mundial. A era da guerra colocou os alicerces sobre os quais se deu o notável desenvolvimento do Brasil no próximo meio século.

No Brasil, como legado, temos motivos de sobra para nos orgulharmos das contribuições do país para a vitória dos Aliados. O Brasil abrigou, em Natal, a maior base aérea dos Estados Unidos fora de seu próprio território, e, em Recife, a Quarta Frota; e mesmo amarrando a economia à máquina de guerra americana, enviou sua Marinha em busca de U-Boats alemães e desde uma Força Expedicionária e um esquadrão de caças na frente italiana, o Brasil de alguma forma encontra-se na memória de muitos países que participaram da Segunda Guerra Mundial.

O Exército Brasileiro de 1943 não tinha divisões permanentes prontas para treinamento e transporte intensificados, mas organizados em comandos regionais geográficos estáticos que presidiam unidades regimentalizadas dispersas. Estes, por sua vez, foram aquartelados em quartéis que muitas vezes tinham pouco espaço para receber tropas mobilizadas adicionais e pouco espaço para treinamento como o exército norte-americano estava então recebendo. Além disso, a maioria dos quartéis estava em áreas urbanas.

Para formar a divisão expedicionária, foram convocadas unidades de todo o mapa do Brasil. Do lado negativo, isso significava que essas unidades não estavam acostumadas a trabalhar juntas. Do lado positivo, os planejadores argumentaram que, uma vez que o exército havia sido treinado e organizado em um modelo francês desde 1919, seria mais fácil mudar para um modelo norte-americano se a divisão fosse composta por unidades que não tinham experiência conjunta anterior. A adaptação seria mais rápida.

Outro legado da Segunda Guerra Mundial foi a mudança da doutrina francesa que era de caráter defensivo para a doutrina norte-americana de caráter ofensiva, a qual se utiliza atualmente.

O Brasil participou ativamente da Segunda Guerra Mundial como fornecedor de matérias-primas estratégicas, como sede de importantes bases, como hábil apoiador dos Estados Unidos em conferências pan-americanas, como contribuinte de unidades navais, esquadrão de caças e uma divisão de infantaria forte. Perdeu muitos soldados e marinheiros, 31 navios mercantes, 3 navios de guerra, e 22 caças. Saiu da guerra com as Forças Armadas modernizadas, graças ao recebimento de 70% de todos os Equipamentos *Lend-Lease* enviados pelos Estados Unidos.

A guerra mudou o Brasil. As bases aéreas e navais dos tempos de guerra foram transformadas em aeroportos civis e instalações portuárias, as operações conjuntas estabelecem novos padrões para educação e treinamento militar, e as experiências no exterior que os veteranos trazidos de volta iniciaram um processo de modernização da mentalidade da nação. A industrialização impulsionada pela construção da siderúrgica de Volta Redonda impulsionou o Brasil durante uma única geração desde a era do carro de boi até a do mercado interno com o motor à combustão. Sem infraestrutura, experiências, processos de substituição de importações e transferência de *know-how* adquiridos durante a guerra, é difícil imaginar como seria o Brasil hoje.

REFERÊNCIAS

BEEVAR, A. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Record, 2015.

FERNANDES, R. **Arquivos secretos da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Draco, 2020.

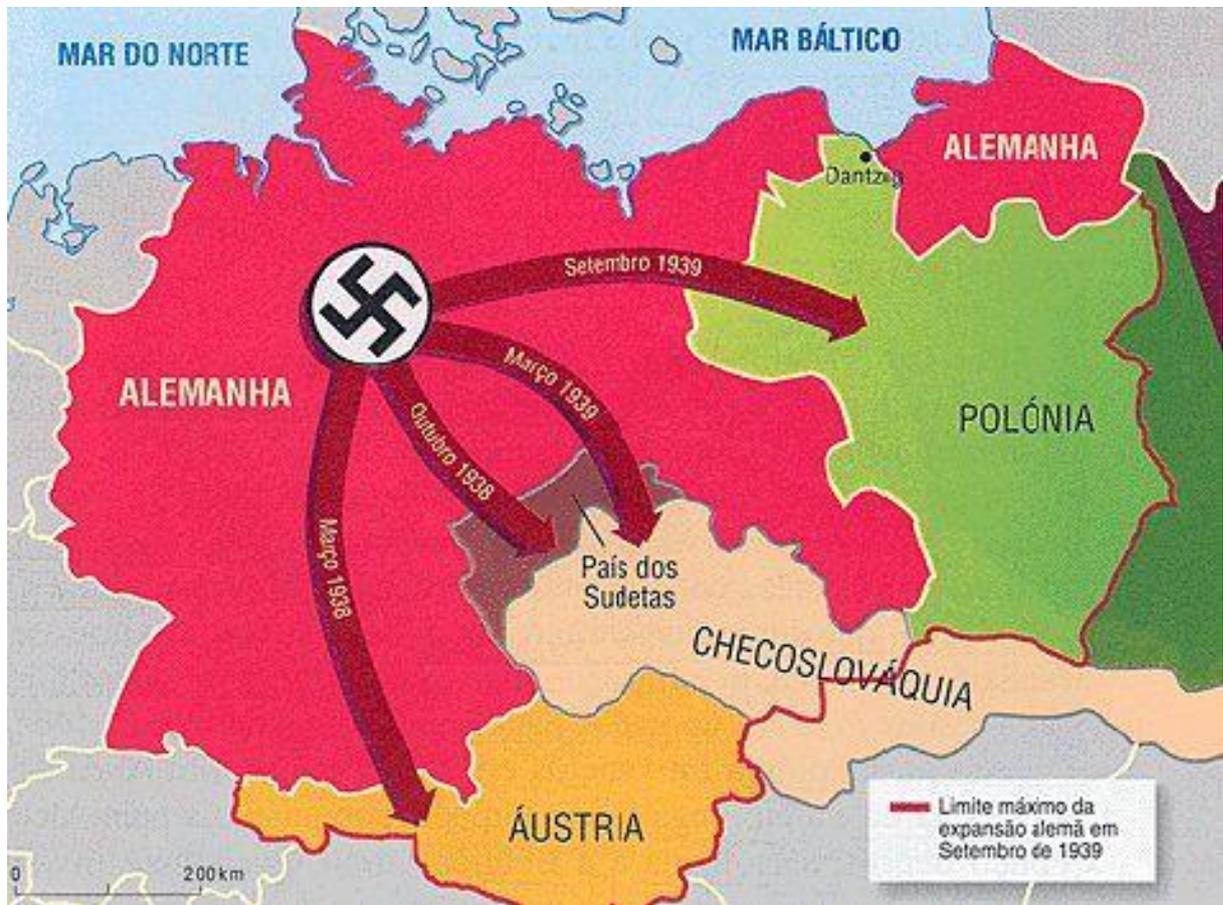
JORDAN, D.; WIEST, A. **Segunda Guerra Mundial: todos os lados em combate**. São Paulo: Larousse, 2008.

MASSON, P. **A Segunda Guerra Mundial: histórias e estratégias**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MORGAN, A. *et al.* **Segunda Guerra Mundial: a cobra vai fumar**. São Paulo: Cartola Editora, 2020.

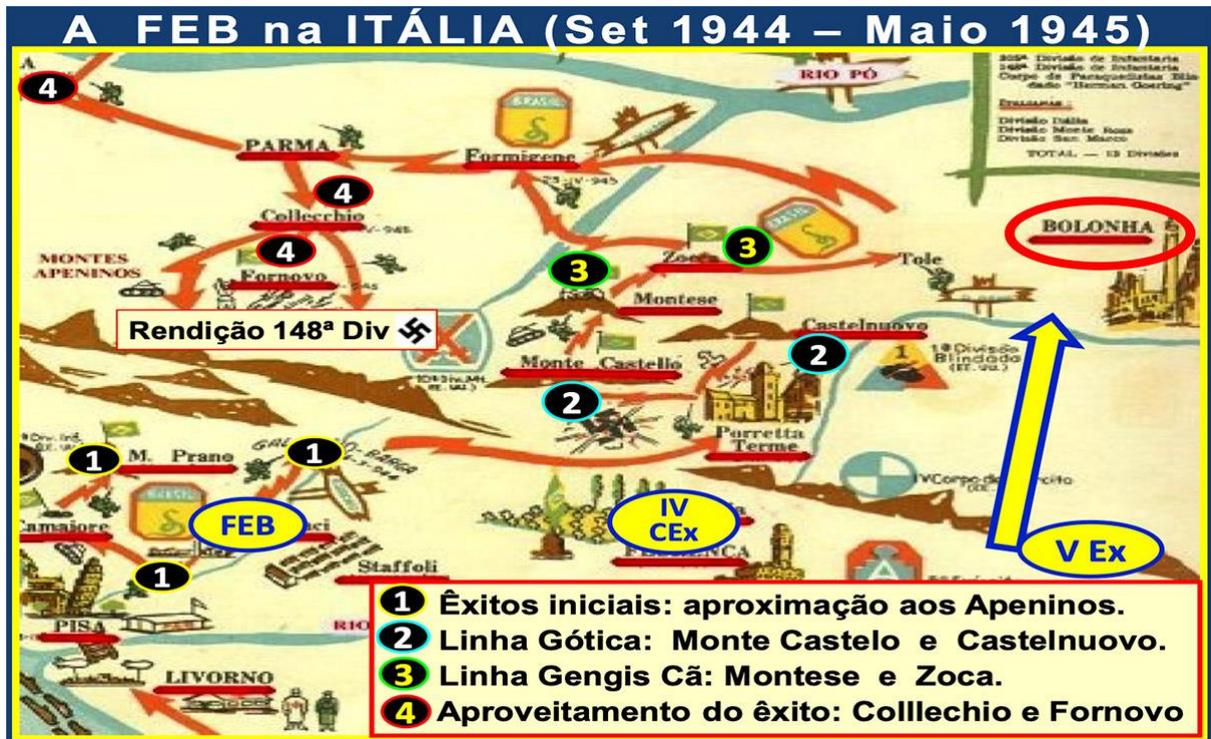
ANEXOS

ANEXO 1 –MAPA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



Fonte: GOCONGRE (2022)

ANEXO 3 – FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



Fonte: GOCONGRE (2022)